

THREE MILE CROSS

A família de que se considera descender o principal personagem destas memórias é, como se sabe, uma das mais antigas. Não admira, portanto, que as origens do nome se tenham perdido ao longo do tempo. A região agora designada por Espanha sofreu, há milhões de anos, grandes convulsões durante a sua formação. Os séculos passaram; a vegetação surgiu. As leis da Natureza decretaram que, onde houvesse vegetação, existiriam coelhos; e a Providência ordenou que haveria cães onde existissem coelhos. Até aqui não há nada que se possa pôr em questão ou que suscite comentários. As dúvidas e as interrogações começam a surgir se nos interrogarmos por que razão se dá o nome de *spaniel* ao cão que caça coelhos. Segundo o relato de alguns historiadores, quando os cartagineses desembarcaram em Espanha, os soldados, ao verem coelhos a saltar de entre as moitas e arbustos, teriam exclamado «*Span!*», «*Span!*». Parecia a terra fervilhar com coelhos. *Span*, na língua cartaginesa, significa coelho. Por esta razão este território ficou a chamar-se Hispânia ou Terra dos Coelhos e os cães, vistos em perseguição dos coelhos, passaram a ter a designação de *spaniel* ou cães de coelhos.

Considerar-nos-íamos satisfeitos se pudéssemos dar o assunto por encerrado, mas o respeito pela verdade compele-nos a tomar em consideração uma outra teoria. Segundo esta, o vocábulo

Hispânia não tem qualquer relação com o termo cartaginês *span*. *Hispânia* deriva do termo basco *españa*, que significa extremo ou fronteira. Se assim for, todo aquele cenário maravilhoso e romântico de coelhos, moitas, cães e soldados desaparece, e temos de aceitar que um *spaniel* se chama *spaniel* como Espanha se chamava *España*. Uma terceira escola destes estudiosos de coisas antigas afirma que tal como o enamorado diz à sua amada que é feia e sem graça, assim os espanhóis aos cães que mais preferem chamam deformado ou eriçado — significado que a palavra *spaña* pode ter — porque o *spaniel* é exactamente o oposto. Mas esta conjectura é demasiado fantasista para ser considerada com seriedade.

Vamos pôr de parte estas e muitas outras teorias em que não vale a pena determo-nos, e viajemos até ao País de Gales. Em meados do século x, o *spaniel*, segundo algumas opiniões, já aqui se encontra e terá sido trazido muitos séculos antes pela tribo espanhola de Ebhor, ou Ivor, sendo já um cão de grande estimação e valor. Howel Dha, no seu *Livro de Leis*, escreveu: «O *spaniel* do Rei vale uma libra.» E quando nos lembramos o que, em 948 d. C., se podia comprar com uma libra — quantas mulheres, cavalos, bois, perus e gansos! — compreendemos imediatamente o apreço e o valor dado ao *spaniel*. Tinha o seu lugar junto do rei. Recebia honrarias que só mais tarde foram prestadas a famosos monarcas. Já vivia confortavelmente em palácios quando os Plantagenetas, os Tudors e os Stuarts ainda andavam a puxar uma charrua que não era deles nas terras lamacentas que também não eram deles. Muito antes dos Howards, dos Cavendishes e dos Russells deixarem de pertencer à plebe dos Smiths, dos Jones e dos Tomkins, já a família *spaniel* pertencia a uma casta distinta e à parte. Ao longo dos séculos, pequenos ramos separaram-se do tronco paterno. Gradualmente, ao longo da história de Inglaterra, surgiram, pelo menos, sete famílias de *spaniel* famosos — Clumber, Sussex, Norfolk, Black Field, Cocker, Irish Water e English Water —, todos eles descendentes do primeiro *spaniel* dos tempos pré-históricos, embora cada um apresentasse características distintas que, por isso

mesmo, exigiam diferentes privilégios. Havia uma aristocracia canina no reinado da rainha Isabel e, para o confirmar, temos o testemunho de Sir Philip Sidney, na *Arcádia*: «Os galgos que seriam os lordes, os *spaniels* que seriam os fidalgos e os lebréus que seriam os pequenos proprietários rurais.»

Se nos debruçarmos sobre as leis do *Clube Spaniel*, temos de admitir que os *spaniels* copiaram o esquema da nossa hierarquia social, ao colocarem os galgos como seus superiores e os lebréus como inferiores, baseando-se em razões mais válidas que as nossas. Pelo menos é esta a conclusão a que tem forçosamente de chegar quem estudar as leis do Clube Spaniel. Esta augusta instituição define, com toda a clareza, os defeitos e as virtudes do *spaniel*. Por exemplo: ter olhos claros não é bom, mas ter o pêlo das orelhas frisado ainda é pior, e nascer com o focinho demasiado claro, ou ter um tufo de pêlo na cabeça será fatal. As virtudes encontram-se igualmente bem definidas: a cabeça deve ser bem desenvolvida e esculpida com uma depressão naso-frontal não muito pronunciada; o crânio deve ser arredondado e bem desenvolvido para que o cérebro tenha espaço suficiente; os olhos grandes, mas não protuberantes, com uma expressão inteligente e meiga. Todo o *spaniel* que se apresente com estes traços é encorajado a viver e tem a sua manutenção assegurada, mas o que persiste em perpetuar os tufos de pêlo e o focinho claro perde todos os privilégios e benefícios da sua raça. Assim o decretaram os juízes e, uma vez legisladas as leis, surgem as penalidades ou os privilégios que assegurarão a execução das mesmas.

Mas que caos, que confusão se nos debruçarmos sobre o estudo da nossa sociedade! Não existe qualquer clube em que tal jurisdição se aplique; apenas o Herald's College¹ se aproxima do Clube Spaniel ao tentar preservar a pureza da raça humana. Os nossos genealogistas, caso se lhes pergunte em que consiste um nascimento nobre, não se referem à cor clara ou escura dos olhos, às orelhas pregueadas ou lisas, aos tufos tão fatais do cabelo, pois

1 O Herald's College é uma sociedade heráldica, fundada no século xv, que arquiva as árvores genealógicas. (N. T.)

limitam-se a considerar os nossos brasões. Provavelmente o leitor não os tem. Não? Então é um zé-ninguém. Mas se provar que a sua família tem quatrocentos anos, que tem direito a uma coroa, ser-lhe-á comunicado que não só nasceu, mas que ainda tem a sorte de ser nobre. Eis porque não existe um único mercador de *muffins*² em todo Mayfair que não tenha um leão *couchant* ou uma sereia rampante. Até os nossos comerciantes de panos colocam, por cima das portas, as armas reais, como se estas fossem uma garantia da qualidade dos seus lençóis para um sono tranquilo. Por todo o lado se reivindica a posição social e se proclamam as suas virtudes. Mas quando estudamos as casas reais de Bourbon, Habsburgo e Hohenzollern, ornamentadas com tantas coroas e brasões, tantos leões e leopardos *couchants* ou rampantes em atitudes agressivas, e encontramos os seus membros presentemente no exílio, destituídos de autoridade e sem que mereçam qualquer respeito, temos de reconhecer que os juízes do Clube Spaniel foram muito mais razoáveis. Esta é a lição que nos leva a abandonar estes assuntos de tão alto nível para passarmos a considerar os primeiros tempos da vida de *Flush* em casa dos Milfords.

Por volta dos fins do século XVIII vivia próximo de Reading, em casa de um Dr. Midford ou Mitford, uma família da famosa raça *spaniel*. Aquele gentil-homem, em conformidade com os cânones heráldicos, resolvera escrever o seu nome com «t», reivindicando ser descendente da família dos Mitfords do Castelo de Bertram, em Northumberland. Sua mulher era uma Russell e, ainda que parente afastada, pertencia à casa ducal de Bedford. Mas o acasalamento dos antepassados do Dr. Mitford fizera-se com tão pouco respeito pelos princípios, que nenhum tribunal lhe reconheceu o direito de ser de boa raça nem lhe permitiu perpetuar a sua espécie. Os olhos eram claros; as orelhas onduladas; a cabeça exibia o fatal tufo. Por outras palavras, era extremamente egoísta, extravagante, mundano, dissimulado e viciado no jogo. Desbaratou a sua fortuna, a da mulher e os rendimentos da filha. Abandonou-as durante a prosperidade e sugou-as

2 Bolo cheio de manteiga e tostado, que se come ainda quente. (N. T.).

durante a doença. Tinha, na verdade, a seu favor, duas características: uma grande beleza física — parecia um Apolo, até a voracidade e a intemperança o terem transformado em Baco — e uma grande ternura que nutria pelos cães. Mas, se existisse o Clube do Homem correspondente ao Clube Spaniel, nem a grafia de Mitford com «t», em vez de «d», nem o dizer-se primo dos Mitfords de Bertram Castle o teriam protegido de insultos e desprezo, da proscricção e ostracismo, de ficar estigmatizado como um homem sem raça definida, imprópria para perpetuar a sua espécie. Mas era um ser humano. Nada, por conseguinte, o impedia de casar com uma senhora de nascimento e educação, de viver para além dos oitenta anos, de possuir várias gerações de galgos e *spaniels* e de procriar uma filha.

Foram em vão todas as pesquisas realizadas para com segurança determinar — mesmo sem a preocupação do dia e do mês — o ano do nascimento de *Flush*. É provável que tenha nascido na primeira metade do ano de 1842. É possível que descenda directamente de Tray (c. 1816), que sabemos — infelizmente através de um meio de transmissão duvidoso, a poesia — ter sido um *cocker spaniel* de cor ruiva cheio de mérito. Tudo leva a crer que *Flush* era filho daquele «velho *spaniel*, genuíno e empertigado» pelo qual o Dr. Mitford chegou a recusar 20 guinéus, ao tomar «em consideração as suas excelentes qualidades na caça». Infelizmente é também à poesia que devemos uma descrição pormenorizada de *Flush* quando jovem. O pêlo tinha aquela tonalidade de castanho-escuro sombrio, que ao sol cintila como se «todo ele fosse ouro». Os olhos eram «vivos, cor de avelã». As orelhas eram «ornamentadas com borlas»; as «patas esguias» cobertas de «franjas» e a cauda era ampla. Se tomarmos em consideração as exigências da rima e as ambiguidades do estilo poético, não há nada que não deva merecer a aprovação do Clube Spaniel. Não subsiste qualquer dúvida quanto ao facto de *Flush* ter sido um puro *cocker* de cor avermelhada, possuindo as mais excelentes características da sua raça.

Passara os primeiros meses de vida em Three Mile Cross, na cabana de um artesão, próximo de Reading. Os Mitfords viviam